

TEXTOS **(Sugestões para Seminários)**

SOBRE A ESCRAVIDÃO **(F. Sales Torres Homem)**

Porção do capital fixo do proprietário, para manobra, mera força muscular comparável em sua ação aos esforços de um dromedário ou de um boi, tal foi o trabalhador no renovado sistema de escravidão doméstica, sistema que, com admirável facilidade se dilatou além de três séculos.

De um lado a própria generalidade daquele fato ataviada com razões de aparente utilidade sob o céu ardente dos trópicos, deixava em paz a consciência dos povos e falsificava os cálculos da indústria: por mistura de fraqueza e de orgulho é o homem naturalmente propenso a transformar seus próprios feitos em verdades necessárias. Doutra lado os governos, expressão completa dos preconceitos, dos erros e falsos interesses da época, e desvairados pelos motivos daquela economia que antepõe o trabalho bruto, instintivo e forçado ao livre e inteligente, mantinham e protegiam como altamente útil ao país um gênero de tráfico que sobre o abrir uma larga ferida à humanidade, corrompe nas nascentes da prosperidade pública.

Hoje em dia, porém, hão rebentado do seio da civilização outras idéias, outras combinações, outros costumes, outros interesses mais perfeitamente concebidos, que a passo cheio tendem a demolir uma ordem de coisas, que nunca destinada fora a ter futuro e contra a qual está protestando um longo passado. Os progressos da reflexão, uma mais compreensiva concepção da unidade humana enjeitam por desarmoniosa e imoral a exploração do homem pelo homem (...) Ela prova do modo mais

irrefragável que os suores do obreiro escravo jamais se vertem em chuva de ouro para o proprietário...

(**Considerações econômicas sobre a escravatura**, em **Nitheroy: Revista Brasiliense**, vol. 1 pp 36/37. Reed. de Academia Paulista de Letras, 1978)

*

CARÁTER DA LITERATURA (ANDREW LANG)

Se nos perguntarmos a nós mesmos em que a literatura do século XIX difere da dos XVIII e XVII, uma diferença importante nos chama a atenção imediatamente. A nossa época fez da literatura uma profissão. No século XVII ou XVIII os homens escreviam porque tinham ou pensavam que tinham alguma coisa a dizer, tinham gosto no trabalho e almejavam a glória. A consideração do dinheiro só entrava em linha de conta para o livreiro, que começou a existir desde o tempo da Reforma. Os que escreviam para o teatro ganhavam algum dinheiro, muito pouco, os livreiros consentiam que os seus autores não morressem de fome, mas Milton, Walton, Lovelace, Clarendon e os escritores sagrados não escreviam por dinheiro. No tempo de Dryden os lucros começaram a aumentar, mas Pope teve que assegurar o seu ganho pelo processo da subscrição.

Provavelmente Walter Scott foi o primeiro a provar que se podia ganhar com a pena alguma coisa mais que fama, e a literatura começou a ser uma fonte de rendimento. Como tal é uma indústria muita ativa. Podemos congratular as musas por não terem mais que tiritar com frio como no tempo de Teócrito, mas ninguém dirá que a arte literária floresce mais à proporção que o elemento comercial aumenta. Os autores podem gozar de mais conforto e ser mais independentes, mas nem por isso são melhores escritores.

(**O desenvolvimento da literatura no século XIX**, em **Estudos Literários**, 312-313. Coleção Clássicos Jackson, vol. 1964).